

TRAJETÓRIAS PELA GEOGRAFIA HISTÓRICA¹

Lígia Maria Tavares da Silva
Professora do departamento de Geociências
Universidade Federal da Paraíba

Neste artigo, a Geografia Histórica será analisada a partir de três fontes, consideradas fundamentais para a construção teórica e metodológica da pesquisa do passado em Geografia:

- 1) A primeira fonte encontramos na Geo-história de Fernand Braudel, cuja interpretação das civilizações consideradas antes como espaços, nos conduz numa reconstrução dinâmica e abrangente de geografias do passado;
- 2) A segunda fonte vem da Geografia Histórica anglo-saxã, cuja solidez da produção acadêmica influencia, dissemina e sugere métodos da investigação histórica em Geografia;
- 3) E a terceira fonte vem da abordagem cultural na geografia, cujo conceito de paisagem e seu papel na transição histórica para o capitalismo, nos orienta na investigação da dimensão simbólica, essencial na análise, contextualização e releitura (s) das geografias do passado.

A GEO-HISTÓRIA DE FERNAND BRAUDEL

De uma maneira geral, o problema central que a geografia histórica busca resolver é o da delimitação temporal e espacial do fenômeno estudado, questão abordada por Fernand Braudel, onde ele destacou os tempos longos, o tempo intermediário e os tempos curtos.

O tempo curto, ou tempo breve, dos acontecimentos, busca situar os indivíduos e os eventos num contexto. O segundo tempo, o tempo social, é o tempo das estruturas ou seja, dos sistemas econômicos, dos estados e das sociedades, que ocorre mais lentamente, ou seja, no tempo de gerações e mesmo de séculos, mas que podem também ser carregados pela corrente da história, conforme destacou Braudel

¹ SILVA, L. M. T. Trajetórias pela Geografia Histórica. IN: BEZERRA, Amélia Cristina Alves et al (orgs) **Itinerários Geográficos**. Niterói: Eduff, 2007. P. 71-84

(Braudel,1996). Para ele, o coração do problema da história está no tempo longo, de “uma história quase imóvel” lenta, e feita de retornos insistentes, que ele denominou de Geo-história. Nessa perspectiva pluri-temporal, o único problema a ser resolvido na pesquisa, seria demonstrar que o tempo avança com diferentes velocidades.

Longa Duração e Civilização

“As culturas (ou civilizações) são também uma ordem organizadora do espaço do mesmo modo que as economias. Embora coincidam com estas (particularmente no conjunto das economias-mundo, em toda a sua extensão tende a partilhar uma mesma cultura, pelo menos certos elementos de uma mesma cultura, em oposição às economias-mundo vizinhas) também se distinguem delas: mapas culturais e mapas econômicos não se sobrepõem sem diferenças, o que é bastante lógico. Uma cultura procede de uma extensão temporal interminável que ultrapassa e de longe a longevidade, todavia impressionante, das economias-mundos. Ela é o mais velho personagem da história dos homens: as economias se substituem, as instituições políticas se rompem, as sociedades se sucedem, mas a civilização prossegue o seu caminho. A civilização é o ancião, o patriarca da história do mundo. A cultura é feita de uma multidão de bens, materiais e espirituais. E para que tudo seja ainda mais complicado, ela é ao mesmo tempo sociedade, política, expansão econômica” (Braudel,1996c:53)

Braudel nos ensina que entre o passado, mesmo o mais longínquo e o presente, não existe descontinuidade. Se antes do século XV, as civilizações eram realidades à parte, a unificação do mundo em função da expansão capitalista a partir do século XV não significou uma ruptura histórica, mas a necessidade do uso das diversas escalas de tempo e espaço na análise de um fenômeno particular. Para este autor, o capitalismo é um importante elemento no estudo de uma civilização, mas ele achou importante até mesmo para exemplificar o tempo de longa duração, desmistificar a idéia do capitalismo ser a causa da desigualdade social:

“A desigualdade social eu a encontro desde as primeiras sociedades, antes da própria história, de modo que a desigualdade se apresenta como um problema fundamental da coletividade humana. Não há coletividade humana sem desigualdade, sem hierarquia. A desigualdade econômica é conseqüência da desigualdade social.” (colóquio de Châteauevallon, 1985:79)

Por outro lado, o próprio capitalismo não é uma aventura historicamente recente. Sempre houve economias-mundo e estas sempre foram capitalistas, mesmo as que antecederam a revolução industrial. Por isso, para Braudel não existe forma definitiva de capitalismo. Sendo assim, tanto a desigualdade social quanto o sistema capitalista são elementos de longa duração, de continuidade, que permanecem na história das sociedades.

Braudel faz uma diferenciação entre capitalismo e economia de mercado para estabelecer o seu esquema do tempo tripartido utilizado em sua obra de 1996. Na base, a economia informal da auto-suficiência e da troca de serviços num raio muito curto, que, segundo ele, pouco mudou em 300 anos na Europa (Braudel 1996a:12). No meio, a economia de mercado, das feiras, que até o século XVIII não teve forças para moldar a infra-economia da base, setor que se manteve estagnado e devorado pelo cotidiano de uma economia rural. No topo, o câmbio e os grandes grupos comerciais, domínio por excelência do capitalismo e das cidades que, no ocidente, segundo Braudel, tiveram a originalidade de talhar os seus estados territoriais através das organizações financeiras, desenvolvendo política própria e estabelecendo redes urbanas. Isto porque na Europa medieval, as cidades tinham mais poder que os estados territoriais, pelo menos na Itália, Flandres e Alemanha (1996 a:469). Assim, o Mediterrâneo impôs o seu modelo de vida, dando à Europa Atlântica as suas plantas cultivadas, as regras do consumo, uma religião monoteísta, o conjunto de suas técnicas, de seu equipamento mental e cultural, sua língua, seu direito, as instituições do Estado e um urbanismo que afirmava o peso e a autoridade das cidades sobre um território, expandindo assim a civilização cristã ocidental.

O estudo das civilizações, por sua vez, permite identificar elementos relativos ao tempo da longa duração, já que

“uma civilização é basicamente um espaço trabalhado, organizado pelos homens e pela história. Por isso ela é, nos limites e nos espaços culturais de uma extraordinária perenidade ... As civilizações são espaços e podem ser localizadas num mapa” (Braudel, citado em Lacoste,1989:190).

O método espacial de Braudel é articulado a partir do conceito de economia-mundo. Existe uma diferença entre economia mundial e economias-mundo: sendo a

primeira o mercado de todo o universo, a segunda envolve apenas um fragmento do planeta economicamente autônomo, capaz de bastar a si próprio e ao qual suas ligações e trocas internas conferem certa unidade orgânica, sendo também a soma de espaços individualizados, econômicos e não-econômicos agrupados por ela.

Segue Lacoste (1989) afirmando que nas obras mais importantes de Braudel, as representações espaciais estão associadas a movimentos rápidos ou lentos, conforme a distância. No estudo das civilizações, esses movimentos são resumidos no conceito de “espaço-movimento” (p.109) onde a velocidade do tempo depende da velocidade do espaço, daí a ênfase, em seus estudos, nas trocas, no comércio e no mercado, motores da velocidade do tempo e da extensão no espaço. Lacoste adverte também para o “princípio da espacialidade diferencial” na obra de Braudel, onde as diversas configurações, sejam naturais, sociais, econômicas e culturais não correspondem umas às outras, apresentando uma série de interseções que denunciam a complexidade do real.

Braudel foi influenciado e inspirado pelas idéias de Vidal de La Blache, para a construção da sua Geohistória². No entanto, a sua compreensão de espacialidade foi na direção oposta dos geógrafos regionalistas formados por La Blache. Enquanto estes buscavam coincidências para delimitar o espaço regional, Braudel buscava o sentido inverso das diferentes escalas e suas interseções para a compreensão do espaço-movimento das economias-mundo.

Apesar do caráter geográfico da obra de Braudel, evidenciado acima, o debate e a crítica à sua obra permaneceu no campo da história e das ciências sociais. A maior delas foi acerca do caráter determinista da Geo-história, onde o homem, na longa duração, é prisioneiro do meio físico e de sua estrutura mental. No último colóquio que participou em 1985, afirmou que reescreveria a Geo-história se tivesse tempo e morreu naquele ano. No entanto, o debate sobre os limites da liberdade e do determinismo é um daqueles que deverão permanecer até quando a historiografia existir. A ênfase de sua obra no “tempo geográfico” alertou muitos historiadores, e permanece como a sua maior conquista pessoal combinar o estudo de uma longa duração com o de uma

² ver: Baker, Alan. Historical Geography and the “annals” school. IN: EXPLORATIONS IN HISTORICAL GEOGRAPHY. Cambridge Press, 1984. “The annales school, as has been noted already, owed much to Vidal de La Blache, perhaps most obviously in its development of the field of ecological and environmental history, in its sensitivity to the significance of geographical distribution and diffusion, in its elaboration of the concept of géohistoire and most specially in its embrace of the region as the appropriate context for historical enquiry”(13)

complexa interação entre o meio, a economia, a sociedade, a política, a cultura e os acontecimentos (Burke, 1997:55). Uma outra crítica, mais recente, refere-se à ausência do domínio do simbólico em sua obra, conforme observou Burke (1997:61).

Apesar de a nova história desenvolvida na Escola dos Anais ser muito próxima da geografia de Vidal de La Blache³ e apesar da Geo-história desenvolvida por Braudel ter tido grande força teórica nas Ciências Sociais, a Geografia Histórica na França não chegou a fazer uma escola própria, mas influenciou uma geografia humana mais historicamente sensível, denominada “geografia humana retrospectiva” (Butlin:1993:17). Para Baker (1984:11), poderia se esperar mais da Geografia Histórica na França, considerando o ambiente propício que se estabeleceu para o seu desenvolvimento. No entanto, a Geografia Regional era a escola mais importante na primeira metade do século XX na França e, nos Estados Unidos, era a Geografia Cultural de Berkeley. Ambas as abordagens tinham uma preocupação com fatos históricos, mas somente para esclarecer sobre o presente⁴. Enquanto isso, na Inglaterra e na América do Norte, a Geografia Histórica seguia as suas linhas estabilizadas nos estudos sobre os fenômenos geográficos do passado.

A GEOGRAFIA HISTÓRICA ANGLO-SAXÃ

Butlin (1993) faz uma historiografia da geografia histórica e a considera uma disciplina híbrida e multifacetada de origem europeia, produto de diferentes fusões das tradições geográficas e históricas.⁵ A sua origem remonta o século dezessete quando

³ Ver Baker Op cit: “The vigour of the new history being developed in the annals was fortified in substantial measure by its digestion of some of the geographical concepts offered by Vidal de La Blache and his disciples: the notions of milieu and mentalités, of sociétés, genres de vie, circulation and civilization, as well as geographical distribution, diffusion, differentiation and personalité pervade much of the work of the annals school.”(5)

⁴ Maurício de Abreu (2000) afirma que um dos obstáculos para um maior entrosamento teórico sobre a discussão tempo- espaço e conseqüentemente para o desenvolvimento da geografia histórica foi a idéia tradicionalmente aceita de que a ciência geográfica deveria se ocupar de estudar o presente, voltando ao passado apenas no que fosse necessário para a compreensão do presente estabelecendo-se assim uma ditadura do presente (p:15). Cronon, op Cit. pp 18 afirma que a influência Kantiana na geografia foi responsável pelo seu afastamento da perspectiva temporal.

⁵ Ver Butlin (1993:2) ... “a variety of different historical geographies has developed in different periods and places, reflecting different intellectual, political and moral contexts. This is an important consideration as far as the development of the nineteen and early twenty centuries are concerned, when attempts to establish geography in the universities were sometimes frustrated by the unsympathetic attitudes of historians, who felt that geography was a little more than a basic gazetteer or inventory, or that its perceived links with political affairs such as nationalism and colonialism made it a subject to be treated with suspicion.”

era associada a escrituras e geografias do Velho Testamento. No século dezanove, tratava do estudo das civilizações antigas, sendo uma das tradições o estudo das fronteiras, estados territoriais e suas administrações.

Na Inglaterra, no século XIX, a geografia histórica era ensinada nas universidades por historiadores. A ênfase era no cenário geográfico por trás da história, com mapas e atlas sendo importantes auxílios às explicações. Essa produtiva associação, por sua vez, não foi suficiente para o estabelecimento da geografia enquanto disciplina acadêmica no século XIX. Depois de instituída academicamente, a ciência geográfica passou a negligenciar o tempo e, durante o século XX, prevaleceram as análises regionais e espaciais.

Para Norton (1984:30), o que distingue a geografia histórica da história propriamente é que, do ponto de vista da periodização, não há para a geografia histórica uma divisão lógica entre passado e presente, sendo a tarefa do geógrafo histórico não apenas descrever sobre as mudanças na paisagem, mas compreender a mudança histórica do fenômeno geográfico.

Baker (1984) estabelece como marcos na disciplina nos tempos modernos os estudos de Clifford Darby sobre a geografia histórica da Inglaterra em 1936, e de Carl Sauer sobre a geografia cultural nos Estados Unidos.⁶ Essa proximidade com os estudos culturais vem permitindo o desenvolvimento de várias temáticas, que têm em comum a preocupação com o passado. Butlin (1993) elenca a variedade temática da disciplina, cuja produção é bastante significativa, através da série Cambridge Studies in Historical Geography e do Journal of Historical Geography, este último criado em 1975. No espectro das disciplinas relacionadas à geografia histórica estão a história, a história econômica, a antropologia, a sociologia, a geografia humana, a geografia física e a arqueologia. A geografia histórica abarca não apenas o campo temático, mas as diferentes abordagens teóricas e as suas respectivas críticas.

Norton (1984: 27) classifica os estudos de geografia histórica em três principais linhas: 1) Estudos do passado - A técnica mais utilizada no estudo do passado por geógrafos históricos é a cross-section (corte transversal): a descrição e análise de uma paisagem do passado num período particular sem referências explícitas aos períodos anteriores ou posteriores (Norton 1984: 30). Esses cortes transversais têm o objetivo de

⁶ Veja: Sauer, Carl. Foreword to Historical Geography. In Leighly (ed.) (1969) Land and Life: A Selection from the writings of Carl Ortwin Sauer. Berkeley and Los Angeles. (351- 79) Conferência presidencial na Associação de Geógrafos Americanos em 1940. A geografia deve ser uma ciência genética, diz Sauer, que dê conta das origens e processos históricos.

orientar a pesquisa documental. Assim, pode-se ter vários cortes de uma mesma paisagem. A utilização desse método tem orientado a geografia histórica em vários países e cabe a Darby o mérito de ter desenvolvido o corte transversal sucessivo (Erthal,2003:32).

Butlin (1978), por sua vez, defende que esse método, das divisões cronológicas, é essencial na organização e sistematização do estudo e que não deveria ser uma preocupação, visto que deve ser utilizado de acordo com o problema a ser pesquisado, ou então, conforme a necessidade da obtenção de dados na pesquisa histórica.

2) As transformações no tempo - O enfoque das transformações no tempo são inevitáveis e prevalecem sobre os estudos do passado. Nessa linha, muita ênfase é dada à cultura enquanto agente da transformação da paisagem natural ao longo do tempo, criando as paisagens culturais. A escola cultural de Berkeley foi muito influente, mas as críticas à sua visão da cultura enquanto entidade supra-orgânica e a ênfase na abordagem genética e nos processos foi largamente criticada como veremos adiante. Não obstante, para Norton (p. 32) tais críticas não invalidam a abordagem temporal que Sauer defendia. Talvez por isso e pela orientação voltada para a explicação é que a influência dessa abordagem tenha prevalecido por tanto tempo na geografia histórica. É nessa perspectiva que se desenvolvem os estudos da paisagem e que a geografia histórica encontra o campo fértil para a inovação e difusão atuais (Norton:21).

3) O passado no presente - Nessa perspectiva utiliza-se o método de retrogradação para reconstruir o passado através do presente. Uma espécie de leitura histórica para trás sendo apropriado para estudar as diferentes leituras e significados da paisagem no tempo.

Considerando a amplitude teórica e temática da disciplina, a definição de Butlin (1993) parece muito apropriada:

“ A geografia histórica é o estudo das geografias do passado, envolvendo a reconstrução imaginada de uma ampla gama de fenômenos e processos centrais para a compreensão geográfica do dinamismo das atividades humanas, tais quais as mudanças de avaliações e os usos de recursos naturais e humanos nas formas de estabelecimentos humanos e ambientes construídos, a partir do avanço das diversas formas de conhecimento geográfico e do exercício de poder e controle sobre povos e territórios” (IX).

Isto posto, a Geografia Histórica oferece subsídios técnicos e conceituais relativos à: pesquisa de documentos históricos, nomeadamente arquivos e mapas;

registros territoriais; nomes de lugares; dados estatísticos; fontes literárias e outros, além dos instrumentos para a análise crítica das informações.

A ABORDAGEM CULTURAL NA GEOGRAFIA

O conceito de cultura é utilizado nos estudos que privilegiam as mudanças no tempo. Na Geografia, os trabalhos pioneiros de Sauer⁷ lançaram as bases para o desenvolvimento de estudos de paisagem através da ênfase na cultura enquanto agente da mudança da paisagem natural para a paisagem cultural. Ele trouxe para a geografia o conceito de cultura, tradicionalmente utilizado por antropólogos e etnógrafos, aproximando a geografia da antropologia, dando ao passado histórico uma dinâmica ao focalizar os estudos das mudanças. Tal enfoque, por sua vez, influenciou Darby, na Inglaterra, a construir o método do corte temporal transversal sucessivo, que passou a ser empregado e aperfeiçoado nos estudos de geografia histórica no mundo todo, com destaque para o Japão.⁸

As críticas a Sauer, como aponta Corrêa (2003), partem do próprio conceito de cultura adotado por ele, que, influenciado pelos estudos de Kroeber e Lowie,

“admitia-a como uma entidade supra-orgânica com suas próprias leis, pairando sobre os indivíduos, considerados mensageiros da cultura, sem autonomia. Nessa perspectiva, os processos de mudança se realizariam a partir de forças externas, por intermédio do processo de difusão de inovações e não em função de contradições “ (Corrêa:2003:11).

Ao absorver o determinismo cultural dos antropólogos, Sauer foi criticado por quantitativistas e marxistas, integrantes das principais correntes do pensamento geográfico do século XX, mas o seu legado permaneceu, sobretudo na ênfase ao conceito de paisagem.⁹

⁷ Veja: Corrêa, R.L. e Rosendahl, Z. (eds) Introdução à Geografia Cultural, onde está traduzido o artigo clássico de Carl Sauer: Morfologia da Paisagem, de 1925. Nessa coletânea estão outros artigos clássicos para o entendimento do desenvolvimento desse sub-campo, incluindo as críticas.

⁸ Ver: Erthal, Ruy (2003: 33) “O avanço do método corte-transversal sucessivo deveu-se ao japonês K. Fujiota, ao combiná-lo ao método narrativo. Foi o chamado método corte transversal denso que permitiu incorporar segundo Kinda, “uma maior cadeia de evidências (do arqueólogo ao contemporâneo) no estudo da mudança regional no tempo”.

⁹ Para Butlin (1993:131) o fato de Sauer endereçar fortes elementos de julgamento pessoal combinados com sensibilidade histórica, privilegiando a intuição e a observação de dentro e não de fora, como fazem os positivistas, revelou em seu método um cunho místico aos trabalhos de campo, que à época pareceu estranho aos seus contemporâneos. Mas para o estudo de sociedades passadas, as quais há pouca evidência

Na Geografia, Sauer ressurgiu no contexto da “virada cultural” nos anos 80¹⁰, cuja renovação da geografia cultural vem incorporando a crítica daquilo que faltava nos trabalhos de Sauer, como o materialismo histórico e a redefinição do conceito de cultura. Os aspectos materiais da cultura assim como a sua dimensão não-material são considerados e o que importa nessa nova abordagem cultural são os significados, vistos como parte integrante da espacialidade (Corrêa,2003:13).

A PAISAGEM

Para Cosgrove (1984), uma das tarefas da geografia histórica, especificamente, é tornar inteligíveis as mudanças na ordem espacial e nas relações ambientais, tanto as reais quanto as imaginadas. Defende este autor que o conceito de paisagem é o mais apropriado para tal tarefa pois ao mesmo tempo em que é o objeto de investigação é também a sensibilidade com que o objeto é apreendido em sua forma pictórica ou cartográfica. Sendo assim, continua o autor

“a paisagem e sua história nos direciona ao papel ativo da produção cultural na transição para o capitalismo, um papel negligenciado na geografia histórica” (Cosgrove, 1984:9).

Para ele, as questões levantadas pela paisagem e seus significados apontam para o cerne das teorias históricas e sociais, notadamente a teoria da transição capitalista (p.38). Isto porque o próprio conceito de paisagem teria sido forjado nesse contexto de transição, onde, no Renascimento, na Itália, teria se originado enquanto gênero artístico dominado por técnicas de controle do espaço visual (p.21).

Se a mudança nas paisagens é explicada a partir da evolução dos alicerces econômicos da organização social, conforme faz Braudel em seu esquema tripatido de explicação histórica, e sendo a paisagem

literária ou documental, as habilidades desenvolvidas no seu método de recuperação de paisagens passadas a partir de materiais culturais remanescentes, são vitais, sobretudo se relacionadas à arqueologia.

¹⁰ Ver Corrêa (2003:12) “Mitchel (2000) aponta as seguintes mudanças: mudanças na esfera econômica, o fim da guerra fria, a ampliação dos fluxos migratórios das periferias para os países centrais, o movimento ecológico, novas formas de ativismo social e a crescente consciência da necessidade de construir novos modos de se construir e entender a realidade, até então calcada no racionalismo moderno, no raciocínio científico e na celebração da técnica”.

“um dos elementos centrais num sistema cultural, pois enquanto texto age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado” (Duncan, 2003:106)

então existe uma relação de subordinação da paisagem aos alicerces econômicos e uma manipulação daquilo que é transmitido.

Talvez por isso mesmo, na perspectiva da geografia histórica anglo-saxã, os trabalhos sobre paisagens são, em geral, na direção de resgatar e analisar criticamente as ideologias religiosas e políticas.

Baker parte do conceito de Ideologia enquanto

“um sistema de significação que facilita a aquisição de interesses particulares e que sustenta relações específicas de dominação” (1992:3).

Para o autor, a paisagem é portanto simbólica enquanto prática social.

“Na prática, a tarefa de compreender os lugares em seus contextos histórico e cultural apropriados permanece difícil porque a paisagem enquanto ideologia pode tomar tantas formas quanto forem as capacidades que as pessoas têm de imaginar e de criar meios de estabelecer ordem e autoridade” (pp:10).

Sendo assim, concordamos com Cosgrove, quando afirma que

“Ao adotar o conceito de paisagem, geógrafos e outros têm inconscientemente tomado uma visão de mundo produzida historicamente e ideologicamente, cujas implicações trazem à tona muitos dos problemas filosóficos e metodológicos confrontados e não necessariamente resolvidos na geografia humana contemporânea” (1984: 20)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, levantamos as seguintes considerações sobre as trajetórias da Geografia Histórica a partir da bibliografia aqui analisada:

- 1) A geografia histórica vem guardando a tradição geográfica, que é a sua íntima relação com o tempo e, portanto, com a história. E isso, como vimos, não tem nada a ver com tradicionalismo ou conservadorismo. Ao contrário, a geografia histórica, sempre firme em

suas bases, vem acompanhando o debate das ciências humanas ao longo do século XX, incorporando outras disciplinas, participando de eventos de várias naturezas e estabelecendo agenda de debates e de publicação de periódicos, que atualmente abarca vários países do mundo.

- 2) A geografia histórica afirmou-se pela insistência de alguns geógrafos humanos, sobretudo britânicos e americanos, que se recusaram a fazer uma ruptura epistemológica da geografia com a temporalidade e, portanto, com a própria história, para se firmar enquanto disciplina autônoma.
- 3) As críticas encontradas à geografia histórica na bibliografia pesquisada, referem-se, sobretudo, à relação entre o campo teórico e o empírico e se inscrevem na perspectiva crítica concernente aos campos teóricos e/ou temáticos onde a pesquisa se insere especificamente, seja na economia, na cultura, na sociedade, no urbano, no agrário ou no ambiental.
- 4) A abordagem cultural nos Estados Unidos surgiu com a abordagem moderna da geografia histórica na Inglaterra, onde passou a ser uma das várias temáticas da disciplina na perspectiva dos estudos das transformações no tempo.
- 5) A cultura só pode ser apreendida em sua dinâmica, sendo necessário um enfoque que possibilite essa apreensão, qual seja, o das transformações no tempo, cujo conceito capaz de abarcar essa dimensão é o de paisagem.
- 6) Ao processo de criação de paisagens nos lugares, corresponde a manifestação material de um período histórico específico, cujas inserções na economia-mundo nos diferentes tempos, fornecem os subsídios para o estudo da dimensão simbólica.

BIBLIOGRAFIA

Abreu, Maurício. (2000) Construindo uma Geografia do Passado: Rio de Janeiro, Cidade Portuária, século XVII. IN: *Geosp* No. 7.

- Abreu, Maurício. (1998) Sobre a Memória das Cidades. IN: *Revista da Faculdade de Letras – Geografia I série, Vol XIV*. Porto.
- Baker, Alan. (1984) Historical Geography and the “annals” school. IN: *Explorations In Historical Geography*. Cambridge Press.
- Baker, Alan R. H. (Ed). (1992) *Ideology And Landscape In Historical Perspective*. Cambridge Studies in Historical Geography. Cambridge University Press.
- Braudel, Fernand. (1992) *Escritos Sobre História*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- Braudel, Fernand. (1996 a) *Civilizacao Material, Economia e Capitalismo, Seculos Xv-Xviii. V.1: As Estruturas do Quotidiano: O Possivel e o Impossivel*. São Paulo, SP : Martins Fontes.
- Braudel, Fernand. (1996b) *Civilizacao Material, Economia e Capitalismo Seculos Xv-Xviii. V.2: Os Jogos Das Trocas*. São Paulo, SP : Martins Fontes.
- Braudel, Fernand. (1996c) *Civilizacao Material, Economia e Capitalismo Seculos Xv-Xviii. V.3 O Tempo Do Mundo*. São Paulo, SP : Martins Fontes.
- Braudel, Fernand, (1989) *A Gramática Das Civilizações*. Rio de Janeiro, RJ : : Ed. Martins Fontes.
- Butlin, Robin. (1993) *A. Historical Geography Through The Gates Of Space And Time*. Eduard Arnold.
- Burke, Peter. (1997) *A Escola Dos Annales 1929- 1989*. São Paulo: UNESP.
- Claval, Paul.(2001) *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Colóquio De Chateaufallon*. (1989) Uma Lição de História de Fernand Braudel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Corrêa, Roberto Lobato, Rosendahl, Zeny. (Eds) (1999) *Manifestações Da Cultura Do Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Corrêa, Roberto Lobato, Rosendahl, Zeny. (Eds) (1998) *Paisagem, Tempo E Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Corrêa, Roberto Lobato, Rosendahl, Zeny. (Eds) (2003) *Introdução À Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Corrêa, Roberto, Rosendahl, Zeny. (Eds) (2004) *Paisagem, Textos E Identidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Cosgrove, Denis E. (1984) *Social Formation And Symbolic Landscape*. London and Sydney: Croom Helm.
- Cosgrove, D. E. Daniels, S. (Eds) (1988). *The Iconography Of Landscape*. Cambridge University Press.

- Cosgrove, D. E. (1993) *The Palladian Landscape*. The Pennsylvania University Press.
- Duncan, James S. (1990). *The City As A Text: The Politics Of Landscape Interpretation In The Kandyan Kingdom*. Cambridge University Press.
- Duncan, J. S. and Ley, David (Eds) (1993). *Place/Culture/Representation*. London and New York: Routledge.
- Duncan, J.S. (2003). O Supra – orgânico na Geografia Cultural Americana. IN: Corrêa, Roberto Lobato, Rosendahl, Zeny. (Eds) *Introdução À Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Elias, Norbert. *O Processo Civilizador* (1994). Vol.1- Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Erthal, Ruy. (2003) Geografia Histórica – considerações. IN: *Geographia, Revista Do Programa De Pós Graduação Em Geografia Da UFF*. Niterói RJ, UFF/EGG. Ano V no. 9
- Groth, Paul and Bressi, Todd (1997). *Understanding Ordinary Landscapes*. Yale University.
- Guelke, Leonard. (1982) *Historical Understanding In Geography: An Idealist Approach*. Cambridge University Press.
- Haesbart. Rogério. (2002) *Territórios Alternativos*. Niterói: EDUFF; São Paulo: Contexto.
- Holzer, Werther. (2000) Memórias de Viajantes: paisagens e lugares no Novo Mundo. IN: *Geographia, Revista do programa de pós graduação em Geografia da UFF*. Niterói RJ, UFF/EGG. Ano II no. 3
- Jackson. John Brinckerhoff. (1984) *Discovering The Vernacular Landscape*. New Haven and London. Yale University Press.
- Kinda, Akihiro. (1997) Some Traditions and Methodologies of Japanese Historical Geography. IN: *Journal Of Historical Geography*. 23, 21 (1997) 62-75.
- Lacoste. Yves. (Coord). (1989) *Ler Braudel*. Campinas, SP: Papirus.
- Meining, D. W. (Editor) (1979). *The Interpretation Of Ordinary Landscape*. Oxford University Press.
- Moreira, Ruy. (2002) Os Quatro Modelos de Espaço-Tempo e a Reestruturação. IN: *Geographia, Revista do programa de pós graduação em Geografia da UFF*. Niterói RJ, UFF/EGG,2002. Ano 4 no. 7
- Musset, Alain. (2000) La Geografia Histórica:una ciência del Passado? IN: *Revista De História*. No. 15 –16. Instituto de História de Nicarágua y Centroamérica.

- Norton, William (1984). *Historical Analysis In Geography*. London and New York: Longman.
- Que, Weimin. (1995) Historical Geography in China. IN: *Journal Of Historical Geography*. 21, 4, 361-370
- Ribeiro, Darci. (1979) *O Processo Civilizatório: Etapas Da Evolução Sócio-Cultural*. Petrópolis: Vozes.
- Santos, Milton. (1996) *A Natureza Do Espaço: Técnica, Razão E Emoção*. São Paulo: Hucitec.
- Sardar, Ziauddin, Loon, Borin Van. (1998) *Introducing Cultural Studies*. New York: Totem Books.
- Território/Territórios/* (2002) Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEO – UFF/AGB-Niterói.
- Walker, Richard. (1997) Unseen and Disbelieved: A Political Economist among Cultural Geographers. IN: Groth, Paul and Bressi, Todd. *Understanding Ordinary Landscapes*. Yale University.
- Wishart, David. (1997) The Selectivity of Historical Representation. IN: *Journal Of Historical Geography*. 23, 2 111-118